



THOMAS ERA CAPAZ DE VER COISAS que ninguém mais via. Não sabia por quê, mas tinha sido sempre assim. Lembrava-se de uma violenta chuva de granizo que um dia tinha caído. Thomas pulou para dentro de um portal e ficou observando as folhas sendo arrancadas das árvores. Depois correu para casa.

— De repente virou outono — ele gritou. — Todas as folhas caíram das árvores.

Sua mãe olhou pela janela. — Caíram coisa nenhuma. Por que está dizendo isso?

Thomas percebeu que ela tinha razão. As árvores ainda estavam cobertas de folhas. — Aqui não, mas na rua Jan van Eyck todas as folhas estão no chão.

— Ah, entendi — disse a mãe. Pela expressão dela, Thomas viu que não estava acreditando nele.

Thomas subiu para o quarto e pegou o livro que estava escrevendo. O título era: *O livro de todas as coisas*. Ele pegou a caneta e escreveu: “A chuva de granizo foi tão

forte que as folhas caíram das árvores. Isso aconteceu de verdade, na rua Jan van Eyck, em Amsterdam, no verão de 1951, quando eu tinha nove anos.”

Ele olhou pela janela para pensar, pois sem janela não conseguia pensar. Ou talvez fosse o inverso: quando havia uma janela, ele automaticamente começava a pensar. Então escreveu: “Quando eu crescer, vou ser feliz.”

Ouviu o pai chegando em casa e pensou: “São cinco e meia e ainda não sei sobre o que vai ser meu livro. Os livros são sobre o quê, afinal?”

Ele fez essa pergunta durante o jantar.

– Sobre o amor e outras coisas – riu sua irmã, Margot, que frequentava o ensino médio e era estúpida como uma mula.

Mas o pai disse:

– Todos os livros importantes são sobre Deus.

– Sobre Deus e sobre o amor – disse a mãe, mas o pai a olhou com tanta reprovação que ela corou de vergonha.

– Quem lê livros nesta família? – ele perguntou.

– Você – ela disse.

– Então quem sabe sobre o que são os livros, eu ou você?

– Você – disse a mãe.

“Quando eu crescer, vou ser feliz”, Thomas pensou, mas não falou. Olhou para a mãe e viu que ela estava

triste. Queria se levantar e abraçá-la, mas não podia. Não sabia por quê, mas simplesmente não era possível. Ficou onde estava, sentado na cadeira.

Margot riu novamente. Isso porque ela era muito estúpida.

– Choveu tão forte na rua Jan van Eyck que as folhas caíram das árvores – ele disse, em voz alta.

A mãe olhou para ele e sorriu. Era como se, afinal, ele a tivesse abraçado, pois ela parecia muito feliz.

“É uma mensagem secreta que só a mamãe entende”, ele pensou. Devia ser verdade, porque o pai e Margot não tiraram os olhos do prato.

Ao levar Thomas para a cama, a mãe disse: – Tenha lindos sonhos, meu pequeno sonhador!

Thomas fez que sim.

– Você acha que eu sou um pouco bom? – ele perguntou.

– Você é o melhor menino do mundo – ela disse.

Ela o abraçou apertado. Thomas percebeu que a mãe estava chorando um pouquinho. Congelado por dentro, ele pensou: “Deus vai mandar um castigo terrível para o papai, peste bubônica ou coisa parecida.”

Mais tarde, sozinho, olhando para o escuro, Thomas ficou com medo de que Deus estivesse zangado com ele. E pensou: “Não tenho culpa de ficar pensando essas

coisas. Não desejo isso de verdade, então não é maldade. Nem sei o que é peste bubônica.”

E adormeceu.

Durante uma semana fez tanto calor que até apareceram peixes tropicais nadando nos canais. Thomas os tinha visto com seus próprios olhos. Eram peixes-espada. Ele tinha certeza, pois no seu aquário havia peixes-espada. São peixinhos lindos, que dançam na água de um jeito engraçado quando estão apaixonados.

Esses canais não ficavam longe da escola de meninas que Margot frequentava. Thomas estava deitado na grama, de barriga para baixo, na beira do cais Reijnier Vinkeles, e os viu passando na água. Vários de uma vez. No caminho de volta para casa, foi pensando se alguém acreditaria nele. Então encontrou Elisa, que tinha dezesseis anos. Ela estava na classe da Margot e morava ali, virando a esquina. Tinha uma perna postiça, de couro, que rangia como sapato novo.

– Peixes tropicais estão nadando no canal – ele disse.

Elisa parou, e sua perna parou de ranger.

Thomas sentiu uma espécie de choque elétrico, pois de repente percebeu que ela era adorável.

– É porque as pessoas, quando saem de férias, jogam os peixes na privada e dão descarga – ela disse.

Thomas ficou um momento sem conseguir pensar, pois Elisa olhava para ele com seus olhos azul-escuros.

– E por causa do calor – ele gaguejou.

– Na verdade, também há crocodilos morando no esgoto – disse Elisa. Ela voltou a caminhar, e sua perna voltou a ranger.

Thomas a seguiu. – É mesmo? – ele perguntou. – Você viu os crocodilos?

– Vi um – disse Elisa. – Do tamanho do meu mindinho. No banheiro – e ela levantou a mão.

Thomas ficou chocado, pois a mão dela só tinha o quarto dedo. Os outros não existiam.

– Ah – ele disse. Thomas esperou até que Elisa virasse a esquina. Sentia o choque no fundo do estômago. Mas em sua cabeça sinos tocavam alegremente. “Ela é adorável”, ele pensou. “E ela entende o que eu vejo. Ela entende que aquilo que vejo existe de verdade. Então a Elisa também sabe.”

Foi andando para casa, pensativo. “O que a Elisa sabe?” Era difícil tentar pensar sem ter uma janela pela qual pudesse olhar. “Não posso explicar o que a Elisa sabe. Mas isso eu também sei: que alguma coisa estranha acontece comigo.” E, em casa, sentado diante da janela, ele pensava: “Onde será que foram parar os outros dedos dela?”

“Domingo é o único dia que a gente tem que empurrar como um carrinho de mão”, Thomas escreveu no *Livro de todas as coisas*. “Os outros dias andam sozinhos.”

Aos domingos, eles iam à igreja. Não era uma igreja comum da vizinhança, mas uma igreja especial, muito longe de sua casa. Era uma igreja numa casa comum, sem torre. Durante o culto, ouvia-se o barulho do aspirador, que vinha do andar de cima. Quase ninguém ia àquela igreja, mas toda a sua família ia: o pai, a mãe, Margot e Thomas. A mãe ia de chapéu e Margot de lenço na cabeça, porque na igreja era obrigatório. Não era permitido ver o penteado das mulheres. Para os homens não tinha importância, porque eles não faziam penteados.

Eles iam a pé, porque Deus não queria que os bondes funcionassem aos domingos. Os bondes funcionavam mesmo assim, o que não agradava a Deus.

Havia duas coisas muito reprováveis: uma era ter ficado do lado errado na guerra, a outra era andar de bonde aos domingos.

Thomas simplesmente tinha tirado os bondes da cabeça. Ele tirava da cabeça tudo o que era proibido: bondes, carros, bicicletas e os meninos que jogavam futebol na rua. Os pássaros podiam ficar, porque não sabiam que era domingo. Porque não tinham alma.

O culto da igreja era assistido por mais ou menos vinte anciões, que eram surdos, cegos ou mancos. E, ainda por cima, tinham pelo menos duas verrugas no queixo. Além de Thomas e Margot, duas outras crianças frequentavam a igreja. Eram duas irmãs. Eram tão pálidas, que certamente morreriam logo. “Dou até 1955”, Thomas escreveu no *Livro de todas as coisas*. “Até lá, vão estar mortas e enterradas. Que descansem em paz por toda a eternidade.” Ele escreveu essas palavras com um nó na garganta, porque era muito triste para aquelas crianças. Mas infelizmente não havia nada a fazer.

O culto foi muito demorado. Os filhos de Israel continuaram se arrastando e murmurando pelo deserto, e os bancos eram duros.

A parte boa era o vaivém dos cantos.

Um homem calvo, com uma longa túnica preta cheia de botõezinhos, cantava um verso sozinho. Aí as pessoas tinham que cantar outro verso juntas. Sempre de novo. Um depois do outro. Cada vez o túnica preta cantava uma coisa diferente, mas as pessoas respondiam sempre com o mesmo verso:

– Senhor da música, perdoa nosso canto miserável.

Thomas acompanhava, soltando a voz. Ao mesmo tempo, ele tentava contar os botões da túnica preta, mas sempre perdia a conta.

No caminho de volta para casa, Thomas notou que o pai estava contrariado com alguma coisa. Ele não dizia nada e não olhava para os lados. Na mesa, depois da oração, ele disse: – Thomas, levante-se.

Thomas estava prestes a pôr na boca uma garfada de batatas e ervilhas. Seu garfo parou na metade do caminho.

– Levantar? – ele disse.

– Levante-se – disse o pai.

– Por quê? – a mãe perguntou, preocupada.

– Porque estou mandando – respondeu o pai.

– Ah, por isso – disse Margot.

Thomas apoiou o garfo no prato e levantou.

– He he he – Margot riu, porque era boba que nem uma cebola. Não dava para entender como ela podia tirar notas tão boas em todas as matérias.

– Cante para nós o que você estava cantando na litania – disse o pai, com expressão severa. A litania era aquele canto em vaivém da igreja.

Thomas olhou para a mãe.

– Olhe para mim e cante – disse o pai.

Thomas respirou fundo e cantou: – Senhor da música, perdoe nosso canto miserável.

Então fez-se um silêncio terrível. Diante de seus olhos, Thomas viu uma túnica preta com mais de mil

botõezinhos. Dois pardais no peitoril da janela tocavam trombetas brilhantes, porque não sabiam que era domingo.

A mãe disse: – Ele só tem nove anos. Ele não faz de propósito.

O pai ficou em silêncio. Solenemente, colocou o garfo e a faca no prato e se levantou. Ele foi crescendo, foi ficando cada vez mais alto, até que sua cabeça ficou mais alta do que a lâmpada que iluminava a mesa.

Todos os seres vivos da Terra prenderam a respiração. Os pardais no peitoril da janela engasgaram com as trombetas. O sol escureceu, e o céu encolheu.

– O que está fazendo? – a mãe disse, chorando. Ela se precipitou e puxou Thomas para trás.

– Saia, mulher – o pai rugiu. – Estou falando com o seu filho.

Mas a mãe afastou Thomas mais ainda da mesa e colocou os braços em volta dos ombros dele.

Então o pai levantou a mão e deu um tapa no rosto dela. A mãe cambaleou e soltou Thomas.

Os anjos do céu cobriram os olhos com as mãos e soluçaram alto, porque é isso que eles fazem cada vez que um marido bate na mulher. Uma tristeza profunda se abateu sobre a Terra.

– Papai – sussurrou Margot.

— Silêncio! — o pai trovejou. — Thomas, já para cima. E não esqueça a colher.

Thomas se virou, foi até a cozinha e pegou a colher de pau no suporte das colheres. Então ele subiu correndo para o quarto. Sentou perto da janela e olhou para fora, mas não conseguia pensar. O mundo estava vazio. Tudo o que existia tinha sido eliminado do seu pensamento. Só havia barulho. Ele ouviu o barulho do tapa na bochecha macia da mãe. Ouviu todos os tapas que a mãe já tinha levado, uma chuva de tapas, como se estivesse chovendo granizo na rua Jan van Eyck e as folhas estivessem sendo arrancadas das árvores. Ele tapou os ouvidos com as mãos, com toda a força.

Depois de ficar olhando para o nada por uma eternidade, Thomas ouviu os passos pesados do pai subindo a escada. Tum, tum. Tum, tum.

“Tudo se foi”, ele pensou. “Nada mais existe. Nem eu.”

Tum, tum. Tum, tum.

Lá estava ele. O homem apareceu na porta, como uma árvore. Avançou até Thomas e esticou a mão. Thomas lhe entregou a colher de pau. Então o homem se sentou no banquinho perto da cama de Thomas. Ele não disse nada. Não era preciso, pois Thomas sabia exatamente o que tinha que fazer. Tirou a calça. Depois a

cueca. Ele ficou em pé, com a cabeça baixa, de lado para os joelhos do pai, com o bumbum à mostra.

A surra começou. A colher de pau zumbia no ar.

Pá!

A dor cortou sua pele como uma faca.

Pá!

No começo, Thomas não pensou em nada, mas depois da terceira pancada, algumas palavras lhe vieram à cabeça.

Pá! Deus...

Pá! vai...

Pá! punir...

Pá! o...

Pá! papai...

Pá! com...

Pá! todas...

Pá! as...

Pá! pragas

Pá! do...

Pá! Egito...

Pá! porque...

Pá! ele...

Pá! bateu...

Pá! na...

Pá! mamãe...

A frase tinha acabado, mas a surra continuou. Por um momento, a cabeça de Thomas ficou vazia. Mas então as palavras voltaram: palavras horríveis, palavras que ele nunca tinha pensado.

Pá! Deus...

Pá! não...

Pá! existe...

Pá! Deus...

Pá! não...

Pá! existe...

Quando enfim a surra acabou, seu bumbum ardia, e ele vestiu a calça e a cueca. Naquele momento ele sabia que o Pai do Céu tinha saído de sua vida para sempre.

– Deus misericordioso – disse o pai. – Repita comigo.

– Deus misericordioso – disse Thomas.

– Perdoe-nos, pobres pecadores – disse o pai.

– Perdoe-nos, pobres pecadores – disse Thomas.

– Fique aqui em cima – disse o pai. – Repita essa frase direitinho cem vezes, e depois desça – e ele desceu a escada, pisando duro. Tum, tum. Tum, tum.

Thomas continuou em pé porque seu bumbum estava parecendo uma alfineteira. Ele olhou pela janela e sussurrou: – Deus, exista, por favor. Todas as pragas do Egito, por favor. Ele bateu na mamãe, e não foi a primeira vez!

Deus não respondeu em nenhuma língua. Os anjos tentaram enxugar as lágrimas, mas seus lenços estavam tão encharcados que começou a chover até nos desertos.